



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
PARFOR – PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA

ANTÔNIA PEREIRA DE SOUSA

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 1º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL I, RELACIONADAS À LEITURA E ESCRITA**

NOVO REPARTIMENTO – PA
2018

ANTÔNIA PEREIRA DE SOUSA

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO 1º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL I, RELACIONADAS À LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito para obtenção do título de licenciatura em pedagogia, sob orientação da professora Maria das Graças Santos Barros.

NOVO REPARTIMENTO - PA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S725d Sousa, Antônia Pereira de
AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL I, RELACIONADAS À LEITURA E ESCRITA / Antônia Pereira de Sousa. — 2018
46 f.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação, Campus Universitário de
Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018.
Orientação: Prof. Maria das Graças Santos Barros
1. Ensino-aprendizagem. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Dificuldades de aprendizagem. I. Barros, Maria das
Graças Santos, *orient.* II. Título

ANTÔNIA PEREIRA DE SOUSA

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO 1º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL I, RELACIONADAS À LEITURA E ESCRITA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal Do Pará, pelo Campus Universitário de Altamira.

Nota: _____

Banca examinadora:

Orientadora Prof^a. Esp. Maria das Graças Santos Barros
Universidade Federal do Pará/PARFOR

Prof^a. Dr^a. Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. M.Sc. Sérgio Wellington Freire Chaves
Universidade Federal do Pará - UFPA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser a essência da minha vida, autor de meu destino, meu guia e socorro presente a todo instante.

Aos meus pais, irmãos, esposo, filhos que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu pudesse chegar a esta etapa de minha vida.

Agradeço a DEUS, pelo dom da vida, pois sem ele nada existiria.

Aos meus familiares, por serem os meus pilares e a base da minha vida.

A minha orientadora, professora Graças Barros, pela paciência, pelos ensinamentos, profissionalismo e por acreditar no meu potencial. A vossa senhoria sou eternamente grata, pela oportunidade de buscar o melhor na minha vida e carreira acadêmica.

A todos os professores, que cada um no seu jeito particular, no decorrer dos 4 anos de curso, transmitiram seus conhecimentos de maneira impecável e profissional. Muito obrigado.

Agradeço imensamente aos amigos e amigas que a universidade me presenteou, todos (sem exceção) são exemplos de amizade. Conhecendo cada um no decorrer do curso, percebi o quanto fui agraciado por Deus por tê-los conhecidos.

A Universidade Federal do Pará - UFPA, juntamente com o seu corpo docente, direção e administração, pela oportunidade concedida de cursar Pedagogia.

A todos que contribuíram na minha formação de maneira direta ou indireta, amigos, parentes e colaboradores da universidade.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Paulo Freire)

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo principal, descobrir quais os principais problemas que levam às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I, da EMEF “Pedro Luiz de Camargo”. Para alcançar tal objetivo, realizou-se, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica que será apresentada na fundamentação teórica, sobre as ideias de diversos autores que abordaram essa temática, visando à compreensão de questões fundamentais sobre a aprendizagem e discutindo as possíveis causas que levam às dificuldades de aprendizagem, e conseqüentemente, ao fracasso escolar. Sendo assim, a fundamentação teórica deste trabalho está baseada principalmente nas obras de autores como: Azevedo (2014), Bossa (2017), Correia e Martins (1997), Santos e Mendonça (2007) e Soares (2004). Logo após, realizou-se uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, tendo como instrumento de coleta de dados, uma entrevista com duas professoras e com a orientadora da escola, campo da pesquisa. Os resultados revelaram que muitos alunos do 1º ano da escola “Pedro Luiz de Camargo” apresentam dificuldades de aprendizagem, principalmente, no que se refere à aquisição da leitura, da escrita e de operações simples de matemáticas como somar e diminuir, e que essas dificuldades podem estar relacionadas a diversos fatores, como por exemplos, à ausência do acompanhamento familiar, à proposta pedagógica da escola, à falta de capacitação dos professores, a problemas familiares, aos déficits cognitivos da própria criança, entre outros, e que é de suma importância investigar esses problemas que afetam diretamente a aprendizagem dos alunos, a fim de combatê-los, objetivando o bom desempenho da criança, diante do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Leitura. Escrita. Dificuldades de aprendizagem.

ABSTRACT

The main objective of this work is to discover the main problems that lead to the learning difficulties in reading and writing, of students of the first year of elementary school I, of the EMEF "Pedro Luiz de Camargo". In order to achieve this objective, a bibliographical research was carried out, which will be presented in the theoretical basis, on the ideas of several authors who approached this thematic, aiming at the understanding of fundamental questions about the Learning and discussing the possible causes that lead to learning difficulties and consequently to school failure. Thus, the theoretical basis of this work is based mainly on the works of authors such as: Azevedo (2014), Bossa (2017), Correia and Martins (1997), Santos and Mendonça (2007) and Soares (2004). Soon after, a field survey was carried out, of a qualitative character, having as an instrument of data collection, an interview with two teachers and with the school counselor, field of research. The results revealed that many students of the first year of the school "Pedro Luiz de Camargo" have learning difficulties, mainly in terms of the acquisition of reading, writing and simple mathematical operations such as adding and diminishing, and that these Difficulties may be related to several factors, such as examples, the absence of family accompaniment, the pedagogical proposal of the school, the lack of teacher training, family problems, the cognitive deficits of the child itself, Among others, and it is of paramount importance to investigate these problems that directly affect the learning of students in order to combat them, aiming at the good performance of the child, before the process teaching-learning.

Key words: teaching-learning, reading, written, learning difficulties.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CEB - Câmara de Educao Básica.

CNE – Conselho Nacional de Educao.

DA – Dificuldades de Aprendizagem.

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais.

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educao.

NEE – Necessidades Educacionais Especiais

PA – Pará

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.10 CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	14
1.2 O CURRÍCULO DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	16
1.3 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.....	18
1.4 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	21
1.5 A FUNÇÃO DO PROFESSOR DIANTE DESSE PROBLEMA	24
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
2.1 TIPO DE PESQUISA	29
2.2 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA, CAMPO DA PESQUISA	29
2.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	31
2.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	32
3 – CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
3.1 OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE.....	34
3.2 ANÁLISES DOS DADOS DA ENTREVISTA REALIZADA COM AS DUAS PROFESSORAS.....	36
3.3 ANÁLISE DOS DADOS DA ENTREVISTA REALIZADA COM A ORIENTADORA ESCOLAR.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE	Erro! Indicador não definido.
ANEXO	46

INTRODUÇÃO

Esse trabalho faz uma abordagem sobre as dificuldades de aprendizagem de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I, relacionadas à leitura e escrita. Nesse sentido, o interesse por essa temática surgiu devido esse problema ser frequentes no ambiente escolar. Por isso, esse estudo discorre sobre os conceituais da aprendizagem, bem como, sobre as principais dificuldades que os alunos têm apresentado na efetivação de sua construção do saber escolar.

Preocupar-se em encontrar as causas das dificuldades de aprendizagem manifestadas em sala da aula, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, é de suma importância para que se possa procurar soluções que venham minimizar tal situação. Sabe-se que elas estão relacionadas a vários fatores, dentre os quais, é possível destacar os emocionais, os sociais, os culturais, os pedagógicos, etc.

Toda criança nasce com grande capacidade de aprender as coisas, no entanto, por causa de alguns motivos, como por exemplos, motivos neurológicos, emocionais, sensoriais, metodológicos etc., ela começa apresentar dificuldades de aprendizagem, principalmente, as que estão relacionadas à leitura e escrita. Nesse caso, é fundamental a presença de um professor capacitado, que possa identificar e, conseqüentemente, ajudar a criança superar tais dificuldades.

Sabe-se que as dificuldades na leitura e na escrita são problemas frequente nas escolas em geral, por isso, é necessário que o docente esteja a par dessa situação, identificando e procurando toda e qualquer alternativa que venha contribuir para que essa situação possa ser revertida a tempo. Diante dessa situação, foi que surgiu a problemática dessa pesquisa: qual a conduta dos professores diante de alunos que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem relacionadas à leitura e escrita?

Dessa forma, levantou-se a hipótese de que muitos professores não conseguem encontrar alternativas para solucionar ou minimizar tais dificuldades. Com isso, elas deixam de ser resolvidas e/ou trabalhadas dentro da sala de aula, o que acaba contribuindo para que os alunos que sofrem com esse tipo de problema, continuem por muito tempo convivendo com essa de situação.

Essa pesquisa justifica-se porque muitos alunos fracassam no seu desempenho escolar, pois, diante do processo de alfabetização, não conseguem identificar letras e sons e, conseqüentemente, terminam escrevendo as palavras da mesma forma que as pronuncia. Por isso, entende-se que esses problemas ocorrem devido às dificuldades de aprendizagem que os alunos possuem, tanto na leitura quanto na escrita, no primeiro ano do ensino fundamental I.

Sendo assim, traçou-se como objetivo geral desse trabalho, descobrir quais os principais problemas que levam às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, no primeiro ano do ensino fundamental I, visando apontar possíveis soluções que possam ser utilizadas por profissionais da educação que atuam nessa etapa.

Quanto aos objetivos específicos deste, procurou por meio da pesquisa de campo, realizada na EMEF PEDRO LUIS DE CAMARGO, investigar quais condutas os professores dessa escola adotam diante de casos em que alunos apresentam dificuldades de aprender, bem como, saber que alternativas são utilizadas por eles para solucionar ou ao menos minimizar esse tipo de problema.

Desse modo, esse trabalho está estruturado em três capítulos, que estão organizados respectivamente da seguinte forma: no primeiro capítulo, buscou a luz de teóricos, analisar o conceito de alfabetização e letramento, o currículo das séries iniciais do Ensino Fundamental, o processo de aquisição da leitura e escrita, as dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e, por último, qual a função do professor diante desse problema?

Já no segundo capítulo, apresenta-se o percurso metodológico, identificando, respectivamente, o tipo de pesquisa, a escola campo da pesquisa, os sujeitos da pesquisa e o instrumento utilizado para coletas dos dados.

No terceiro capítulo, apresentam-se os resultados e discussões, da entrevista realizada com as duas professoras e com a orientadora, todas funcionárias da escola, campo da pesquisa. As análises foram feitas de forma qualitativa, de forma a estabelecer relações entre as informações obtidas por meio da entrevista, e interpretadas à luz das abordagens teóricas, que fundamentam esse estudo.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, onde se retomará a problemática, com a finalidade de confrontá-la com a hipótese levantada e, principalmente, com os dados obtidos, a fim de atingir os objetivos traçados neste estudo.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Argumentar sobre o processo de alfabetização não é uma tarefa fácil, pois, mesmo existindo muitos procedimentos e que são utilizados para a execução da mesma, os casos são alarmantes no que se refere às dificuldades de aprendizagem dos alunos quanto à leitura e escrita. Desse modo, o processo de alfabetização caracteriza-se por um período de suma importância no desenvolvimento do aluno, sendo considerado por muitos educadores como base para aquisição de conhecimentos futuros.

De acordo com o dicionário Aurélio, alfabetizar é ensinar a ler e a escrever ou dar instrução primária. No entanto, sabe-se que, alfabetizar é muito mais que isso, pois, além de aprender a ler e escrever, os alunos precisam ter acesso aos diversos usos e formas da língua que existem num mundo, onde a escrita é um meio essencial de comunicação. Nesse sentido, o Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – PRÓ Letramento¹ afirma que:

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da “tecnologia da escrita”, quer dizer, do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em “sons”, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráfico. (BRASIL, 2008, p. 10)

A mesma fonte afirma que, foi a partir dos anos 1980, que o conceito de alfabetização foi ampliado, com as contribuições dos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, particularmente, com os trabalhos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. De acordo com esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de correspondências entre grafemas e fonemas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo, por meio do qual, a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação.

Brasil (2008) ainda registra que, progressivamente, o termo (alfabetização) passou a designar o processo, não apenas de ensinar e aprender as habilidades de codificação e decodificação, mas também, o domínio dos conhecimentos, que permitem o uso dessas

¹ É um programa de formação continuada oferecido pelo Ministério da Educação, que visa a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura, escrita e matemática. É destinado aos professores das séries iniciais do ensino fundamental de escolas públicas.

habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita, e que diante dessas novas exigências, foi que surgiu uma nova adjetivação para o termo – alfabetização funcional – criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, a palavra letramento, para designar os usos (e as competências de uso) da língua escrita.

Percebe-se que, o conceito de alfabetização é totalmente diferente do conceito de letramento, porém, o último está totalmente associado à primeira. Nesse sentido, Soares também faz uma distinção entre esses termos:

alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998, p. 47 apud SANTOS e MENDONÇA, 2007, p. 19)

Por meio da abordagem acima, infere-se que alfabetizar e letrar são processos que se diferem muito um do outro, devido às necessidades e exigências contidas em cada um deles, pois, se um aluno é alfabetizado, não quer dizer que ele também seja letrado e vice-versa, pois, considera-se um aluno alfabetizado e letrado, quando o mesmo, além de conhecer, compreender as letras e as práticas da leitura e escrita, também seja capaz de desenvolver novas formas de compreensão e desenvolvimentos das práticas, que atendam as condições e requisitos que lhes são solicitados na sociedade na qual convive.

Ainda sobre o termo alfabetização, Soares (2004), por meio de seu livro *Alfabetização e Letramento*, ressalta a necessidade de se ter uma visão diferenciada quanto ao processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita:

Etimologicamente, o termo *alfabetização* não ultrapassa o significado de "levar à aquisição do alfabeto", ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar habilidades de ler e escrever; pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo a alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar. (SOARES, 2004, p. 15).

Observa-se que, nessa perspectiva, é necessário compreender a alfabetização como um processo que abrange vários fatores, como a abordagem mecânica de ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de compreensão/expressão, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita e, principalmente, a integração do sujeito em práticas sociais, no meio em que vive.

Enfim, em termos gerais, entende-se por alfabetização, o ensino/aprendizagem das letras que constituem o alfabeto e as diversas formas de utilizá-las, ou seja, através das letras do alfabeto poderá se comunicar com a sociedade em geral, sendo considerado o processo de fator fundamental para a comunicação, pois, um sujeito alfabetizado é capaz de realizar diversas ações dentro desse contexto, sendo capaz de ler, compreender, criticar, interpretar entre outras funções que a alfabetização lhes permite realizar.

Quando o aluno for capaz de realizar todas as atividades acima supracitadas, por meio de atividades que requer o uso de suas habilidades de escrita e leitura, com perfeição ou ao menos com bastante facilidade, bem como, sendo capaz de associar diversos assuntos distintos no meio em que vive, significa dizer que o mesmo é uma pessoa letrada.

1.2 O CURRÍCULO DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com o dicionário Aurélio, currículo é descrição do conjunto de conteúdos ou matérias de um curso escolar ou universitário. Nesse sentido, a organização curricular é uma ferramenta fundamental de apoio à prática docente e às aprendizagens dos alunos. Por isso, o professor precisa planejar suas ações para que seus estudantes possam construir aprendizagens significativas.

Para Moreira (2007), a palavra currículo está associada às distintas concepções, derivadas dos diversos modos de como a educação é concebida historicamente, como também, das influências teóricas que a afetam e se fazem hegemônicas em um dado momento. Segundo o autor, diferentes fatores sócio-econômicos, políticos e culturais contribuem, para que currículo venha a ser entendido como:

- (a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos;
- (b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;
- (c) os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;
- (d) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino;
- (e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização (MOREIRA, 2007, p. 18).

Nota-se que, a palavra currículo está diretamente relacionada aos conhecimentos escolares, aos procedimentos e as relações sociais que constituem o processo de ensino-aprendizagem presentes no contexto escolar, onde os conhecimentos que se ensinam e se aprendem, bem como, as transformações que se deseja efetuar nos alunos e alunas, sobre os

valores que se pretende transmitir, e sobre as identidades que pretendemos construir, possa ser atingidos.

A organização curricular está ancorada em grandes pressupostos, como a forma de conceber os fins da educação, a compreensão de como cada área de conhecimento pode contribuir para a formação dos estudantes e os parâmetros legais, que orientam como os sistemas de ensino devem organizar seus currículos. Nessa perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, trás as seguintes orientações:

O currículo cabe primordialmente à instituição escolar a socialização do conhecimento e a recriação da cultura. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), uma das maneiras de se conceber o currículo é entendê-lo como constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes. (BRASIL, 2013, p. 112)

Infere-se, por meio da abordagem acima, que a escola, ao promover a socialização do conhecimento e a recriação da cultura, deve adequar-se aos indivíduos e atendê-los em sua plenitude, ensinando-os dentro de seu tempo e história, visando sua transformação, buscando desenvolver sua autonomia, capacidade, maturidade, atitudes que encaminham o próprio aluno, para ser agente de sua formação, capaz de integrar-se adequadamente à sociedade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs) destacam também que os currículos escolares podem ser compreendidos como o conjunto de conhecimentos que a escola seleciona e transforma, no sentido de torná-los passíveis de serem ensinados, ao mesmo tempo em que servem de elementos para a formação ética, estética e política do aluno, sendo que esse processo deve estar atrelado aos demais componentes curriculares, pois devem se submeter às abordagens próprias aos estágios de desenvolvimento dos alunos, ao período de duração dos cursos, aos horários e condições em que se desenvolve o trabalho escolar e, sobretudo, aos propósitos gerais de formação dos alunos.

De acordo com o documento **ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: PASSO A PASSO DO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO (2009)** - 2ª edição, a palavra currículo está associada a diferentes concepções, bem como, a diferentes fatores socioeconômicos, políticos e culturais e que por esses motivos deve ser entendido como:

a) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino (LDB 9394/96, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, novas DCNs para o Ensino Fundamental em discussão no CNE);

- b) as áreas do conhecimento (LDB 9394/96 – art. 26, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental);
- c) matriz curricular definida pelos sistemas de ensino (LDB 9394/96 – art. 26);
- d) oferta equitativa de aprendizagens e conseqüente distribuição equitativa da carga horária entre os componentes curriculares. (LDB 9394/96, Parecer CNE/CEB nº 18/2005);
- e) as diversas expressões da criança (Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações pedagógicas para a inclusão das crianças de seis anos de idade);
- f) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos (LDB 9394/96, Parecer CNE/CEB nº 4/2008, Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações pedagógicas para a inclusão das crianças de seis anos de idade);
- g) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;
- h) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização. (BRASIL, 2009, p. 14)

Por meio desse tópico, é possível perceber o quanto a organização curricular contribui com o processo de ensino-aprendizagem, pois a mesma, além de enfatizar a assimilação de conceitos, busca também desenvolver as estruturas cognitivas, fornecendo aos alunos os subsídios necessários às aprendizagens significativas e à construção de competências. Dessa forma, o processo de alfabetização e a introdução do aluno ao mundo letrado deverão ser os mais agradáveis possíveis. Por isso, o educador deve estar seguro de suas atitudes e atento às reações dos alunos, para que possa identificar e, posteriormente, solucionar quaisquer problemas que venham interferir na aprendizagem dos mesmos.

1.3 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

Ao abordar sobre o processo de aquisição de leitura e escrita por crianças, logo se pensa na própria alfabetização das mesmas. Observou-se por meio de abordagem já citadas nesse trabalho (tópico 1) que, ser alfabetizado é totalmente diferente de ser letrado, pois, esse último está relacionado à condição que permite ao sujeito mais do que reconhecer e escrever palavras ou frases soltas, mas saber fazer uso da leitura e escrita para compreender ou transmitir uma mensagem com a finalidade de informação.

Sabe-se que a aquisição da leitura e da escrita não ocorre do mesmo modo para todos os alunos, porém, o aluno começa a desenvolver a escrita antes mesmo de ingressar na escola, por meio da visão de mundo que ele vivencia. Nesse sentido, Paulo Freire (1990) afirma que o domínio do signo gráfico, da aquisição da tecnologia da leitura e da escrita, é um processo que pressupõe uma experiência social que a precede; uma leitura do mundo, decorrente da experiência de vida do sujeito na sociedade que o abriga. Já Ferreiro (2001) ressalta que a escrita pode ser concebida como um sistema de código e de representação. Como código, os

elementos já vêm prontos e como representação, a aprendizagem se constitui em uma construção pela criança. Sendo assim, conforme a autora em análise, ao se trabalhar a escrita como código, o ensino passa privilegiar os aspectos preceptivos e motor, relação grafia e som e, desse modo, o significado é desconsiderado.

Formar alunos que saibam realmente ler e escrever não é tarefa fácil. Corroboram os PCNs de Língua Portuguesa ao abordar que:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (BRASIL, 1997, p. 41)

Com o propósito de melhorar o processo de ensino-aprendizagem da criança, na idade certa, foi criado em 2012, o PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, cuja visão

está pautada na sustentabilidade da gestão nas escolas e nas redes públicas; na progressiva autonomia dos educadores para resolver os desafios da sala de aula e para buscar seu próprio desenvolvimento profissional; no envolvimento das instituições formadoras com as escolas da rede pública; no trabalho colaborativo comprometido com os direitos de aprendizagem das crianças; na compreensão da alfabetização como a base para a equidade, a inclusão e a igualdade de oportunidades educativas (BRASIL, 2017, p. 6).

Nesse sentido “a responsabilidade pela alfabetização das crianças precisa ser acolhida por docentes, gestores e instituições formadoras como um imperativo ético indispensável à construção de uma educação efetivamente democrática e socialmente justa” (BRASIL, 2017, p. 3)

Os PCNs de Língua Portuguesa ainda ressaltam que um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Sobre a relação entre a aquisição desses dois processos (leitura e escrita), os PCNs de Língua Portuguesa mencionam que é necessário que se compreenda que leitura e escrita são

práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento — a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno, construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los, e sobre as circunstâncias de uso da escrita.

Infere-se que, o ato de ler está condicionado à escrita, ou seja, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual. Ele precisa compreender, não só o que a escrita representa, mas também, de que forma ela representa graficamente a linguagem. Por isso, tem-se a necessidade de que os alunos tenham contato com vários tipos de escrita no seu dia-a-dia.

Para que se possa ter êxito no processo de aquisição da leitura e escrita, é necessário seguir as orientações dos PCNs de Língua Portuguesa que explicitam que:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler (BRASIL, 1997, p. 42).

Infere-se a partir do exposto acima que, não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação, por isso, é necessário oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler, usando os procedimentos que os bons leitores utilizam - fazendo inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, bem como, verificando suas suposições, tanto em relação à escrita quanto a própria leitura.

Contudo, verifica-se que a aquisição da leitura e da escrita por parte dos alunos, requer que o professor elabore, organize e executam procedimentos eficazes, de modo que seus alunos possam assimilar o aspecto fundamental desse processo: a compreensão da vinculação fala/escrita, isto é, a representação da fala por sinais gráficos. Trabalhando dessa forma, o professor estará contribuindo para as habilidades de leitura e escrita, de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental sejam satisfatórias.

1.4 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sabe-se que a aprendizagem é um processo constituído por diversos fatores, e que toda criança encontra alguma dificuldade, no que se refere à aquisição da leitura e da escrita. Em sala de aula, observa-se que muitos alunos superam esse problema durante o processo de alfabetização, porém, outros não conseguem e, conseqüentemente, costumam repetir a série várias vezes.

Mas, o que são dificuldades de aprendizagem? Luís de Miranda Correia e Ana Paula Martins afirmam que:

No sentido lato, as DA são consideradas como todo o conjunto de problemas de aprendizagem que grassam nas nossas escolas, ou seja, todo um conjunto de situações, de índole temporária ou permanente, que se aproxima, ou mesmo querera dizer, risco educacional ou necessidades educativas especiais (para uma melhor clarificação destes conceitos, ver Alunos com NEE nas Classes Regulares, Correia, 1997). Quanto a nós, esta é a interpretação dada ao conceito pela maioria dos profissionais de educação.

No sentido restrito, e aqui a interpretação do conceito restringir-se-á a uma minoria de especialistas e profissionais de educação, DA querera dizer uma incapacidade ou impedimento específico para a aprendizagem numa ou mais áreas académicas, podendo ainda envolver a área socioemocional. Assim, é importante que se note que as DA não são o mesmo que deficiência mental, deficiência visual, deficiência auditiva, perturbações emocionais, autismo (CORREIA e MARTINS, 1997, p. 5).

Correia e Martins (1997) ainda ressaltam que “numa perspectiva orgânica, as DA são desordens neurológicas que interferem com a recepção, integração ou expressão de informação, caracterizando-se, em geral, por uma discrepância acentuada entre o potencial estimado do aluno e a sua realização escolar, e que, numa perspectiva educacional, as DA refletem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem da leitura, da escrita, ou do cálculo ou para a aquisição de aptidões sociais”. (p.6)

Algumas dificuldades podem surgir por diversos fatores, como problemas na proposta pedagógica, capacitação do professor, problemas familiares ou déficits cognitivos, entre outros. Assim que identificados, os pais devem procurar orientações de um profissional habilitado, para que medidas adequadas sejam tomadas. Corrobora Bossa (2017), por meio de sua palestra: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO - FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO E TECNICAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA, ao listar vários fatores ligados ao transtorno do

neurodesenvolvimento², e que contribuem com as dificuldades de aprendizagens relacionadas à leitura e escrita:

Deficiências Intelectuais: leve, moderada, grave, profunda, atraso global do desenvolvimento; Transtorno de Comunicação: linguagem, fala fluência, comunicação social; Transtorno de Espectro Autista; Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: combinado, desatento, hiperativo; Transtorno Específico da Aprendizagem: leitura, escrita, matemática Transtornos Motores: coordenação, estereotipado; Transtorno de Tiques: transtorno de tourette, tique motor ou vocal crônico e transitório (BOSSA, 2017, p. 5).

Ainda, de acordo com a autora, o transtorno específico da aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento, com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo, as quais, são associadas com as manifestações comportamentais. Nádia Bossa afirma também que, a principal característica desse transtorno é a dificuldade persistente para aprender as habilidades acadêmicas fundamentais (leitura, escrita, matemática), desde o início da escolarização formal.

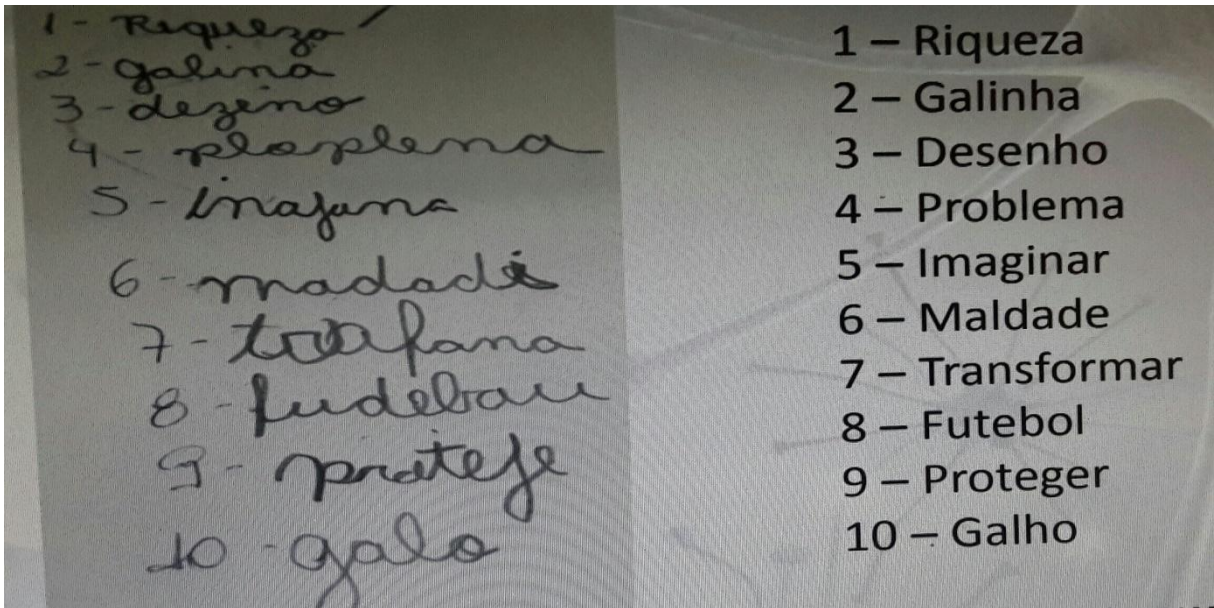
Quanto ao diagnóstico desse transtorno, Bossa (2016, p. 10) afirma que é possível identificá-lo quando há

Prejuízo no aprendizado e uso de habilidades acadêmicas; - As aprendizagens são significativamente abaixo do esperado para a faixa etária com marcada interferência nos aspectos educacionais; - Os prejuízos na aprendizagem iniciam durante os primeiros anos escolares (podem ser percebidos apenas quando as demandas escolares se tornam mais complexas); - Os prejuízos na aprendizagem não são consequência de deficiência intelectual, diminuição da acuidade visual e auditiva, transtornos mentais, doenças ou traumas neurológicos, problemas sociais e/ou educacionais.

Sobre o fator mais comum, responsável pela deficiência de aprendizagem (dislexia), Bossa afirma que ele vista como uma condição hereditária, devido às alterações genéticas, mas que só acontece numa pequena porcentagem de casos. Ele também é caracterizado por apresentar padrão neurológico. Vale ressaltar que este distúrbio está relacionado com problemas de percepção, memória e análise visual. Segue abaixo uma imagem que representa informações sobre um aluno que apresenta Transtorno de Aprendizagem na área da Leitura e Escrita (Dislexia).

Ilustração 1 - Sexo Masculino – 12 anos – 7º Ano – Ditado

² Desenvolvimento do sistema nervoso, incluindo a motricidade, a manipulação, as competências sensoriais, a comunicação e a linguagem, os comportamentos, as competências cognitivas, os afetos e as emoções.
Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/neurodesenvolvimento>



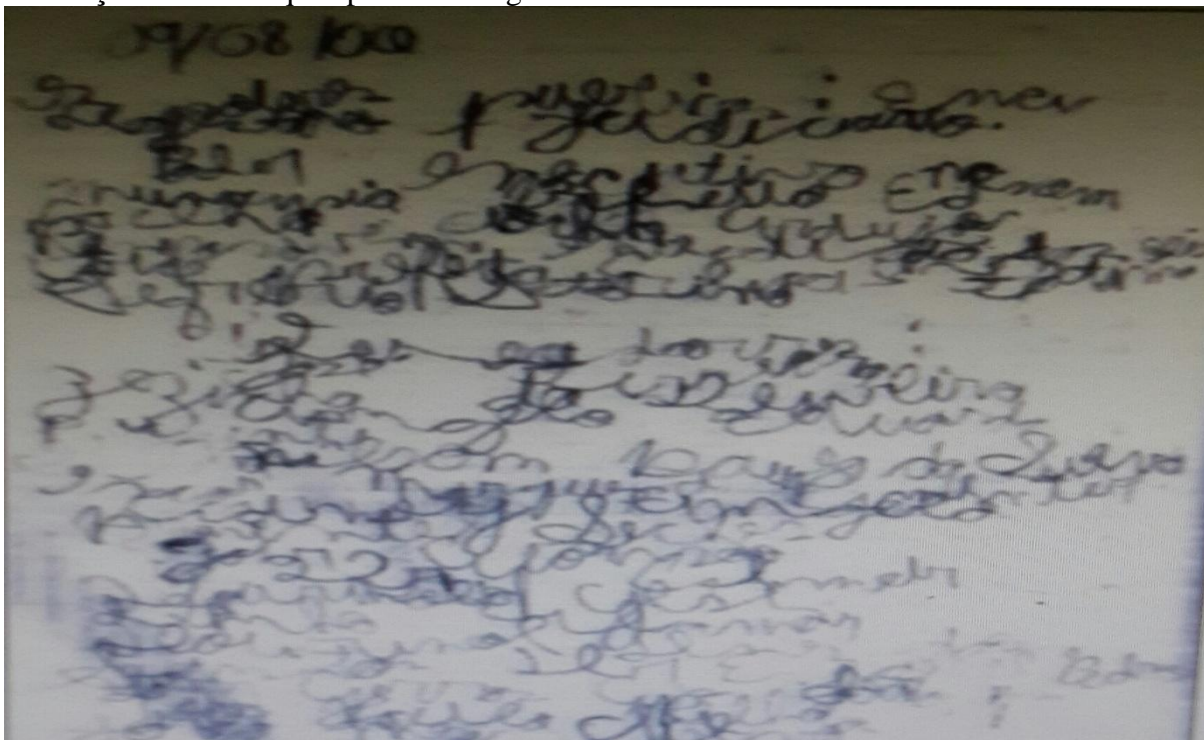
Fonte: Bossa (2017).

É possível perceber que alguns sinais são mais comuns em crianças que apresentam dislexia, como: dificuldade de pronunciar alguns fonemas, dificuldade para escrever, evidente na inversão de letras e palavras, dificuldade para separar e sequenciar sons, dificuldade na compreensão de textos, além de apresentar dificuldade de concentração, entre outros.

Em relação ao prejuízo na expressão escrita – Disortografia, Bossa explicita que se trata de uma alteração específica, que afeta a escrita da criança, independentemente da sua inteligência, ensino e oportunidades, e que esse fator é observado mediante a correção ortográfica e construção de textos escritos, onde não há qualidade da grafia. A autora ainda deixa claro que esta desordem afeta as aptidões da escrita e, traduz-se por dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança, em compreender as regras ortográficas e em compor textos escritos.

Quanto ao fator Disgrafia, Bossa afirma tratar-se de uma alteração da escrita ligada a problemas percepto-motores, ocasionando dificuldades de integração visuo-motora, dificultando a transmissão de informações visuais ao sistema motor, e que a pessoa até sabe o que quer escrever, mas não consegue idealizar no plano motor, conforme a imagem abaixo:

Ilustração 2 - Aluno que apresenta Disgrafia



Fonte: Bossa (2017).

Observa-se que, alunos com esse déficit cognitivo, apresentam prejuízos na qualidade da escrita, no que se refere ao traçado e forma das letras que, segundo a autora, trata-se de disforme e com palavras rasuradas. Ainda, de acordo com Bossa, alunos diagnosticados com esse tipo de problema possuem uma desordem funcional que afeta a qualidade da escrita (traçado e grafia).

Percebe-se que, as dificuldades de aprendizagem são questões complexas, cujas causas são múltiplas e diversas, sendo que, umas estão ligadas a fatores genéticos da própria criança, outras dependem de acontecimentos. O fato é que elas intrincam-se e agem umas sobre as outras, o que contribuem para o fracasso escolar de muitos alunos. Contudo, é sabido que são muitas áreas as quais as crianças apresentam dificuldades de aprendizagem, porém, as que mais aparecem nas crianças são: leitura, linguagem, atenção e coordenação motora. Portanto, o diagnóstico adequado e rápido é vital e fundamental para o crescimento da aprendizagem do aluno.

1.5 A FUNÇÃO DO PROFESSOR DIANTE DESSE PROBLEMA

A maneira como o professor utiliza as metodologias de ensino, pode interferir no aprendizado e na futura formação dos seus alunos de forma positiva ou negativa. Sendo

assim, ao se fazer uma análise sobre as metodologias empregadas pelos professores, pode-se ter um indicativo do nível de conhecimento sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita, e das dificuldades geradas pela dislexia. Corroborando a psicóloga, psicopedagoga e terapeuta familiar, Simone Maria de Azevedo afirma que:

Professores atentos, sensíveis, amorosos, estudiosos, éticos, que amam ensinar e aprender, têm condições de perceber comportamentos e sinais indicativos de problemas de aprendizagem. Muitas vezes, é na escola que a criança apresenta algum sintoma alusivo a conflitos de naturezas diversas. Em se tratando de problemas de aprendizagem reativos, ou seja, em que as causas são de ordem socioeducativa – falhas ou inadequações no modo de ensinar e intervir –, docentes e demais profissionais da educação e da saúde que atuam nas escolas deveriam ser formados para identificá-los e resolvê-los. No entanto, quando há hipóteses de causas individuais e familiares, o diagnóstico carece de olhares clínicos. Contudo, os professores são importantíssimos no processo interventivo, independentemente do problema. Seu olhar, sua postura, sua afetividade fazem toda a diferença. (AZEVEDO, 2014)

Observa-se que, uma das muitas funções do professor em sala de aula é identificar alunos que apresentam as DA. Nesse sentido, Correia e Martins afirmam que:

A identificação das DA deve ser feita o mais precocemente possível, contribuindo para este fato uma observação cuidada dos comportamentos da criança. Assim, os profissionais (especialmente os educadores e professores) e os pais devem estar atentos a um conjunto de sinais, que a criança exiba, contínua e frequentemente, uma vez que não existem indicadores isolados para a identificação das DA (CORREIA e MARTINS, 1997, p. 11).

Vale ressaltar também que, quando identificar esse tipo de situação, o professor tem que, de imediato, comunicar à escola a situação encontrada e os sinais observados, para que todos possam trabalhar em parceria, objetivando o melhor desenvolvimento da criança, pois, no contato diário com os alunos, o professor começa a perceber entre os mesmos, aquele que tem dificuldades de aprendizagem e, a partir desta identificação, a atitude correta a ser tomada deve ser o encaminhamento desse aluno a um psicopedagogo, que deverá avaliar as habilidades perceptivas, motoras, lingüísticas e cognitivas de cada uma delas, bem como, os fatores emocionais, além da própria atividade de ler e escrever. Após a avaliação psicopedagógica, o profissional recomendará o procedimento necessário, não somente para o professor, como também, à família do aluno para que as DA sejam superadas.

O mais importante é que o professor deve estar bem informado sobre a vida desses alunos, dentro e fora do ambiente escolar, com a finalidade de está bem informado sobre as

experiências vividas, sobre as capacidades e maturidade das crianças, no que se refere à linguagem oral e escrita, bem como, nos comportamentos dos alunos dentro da sala de aula.

Abaixo, será apresentada uma lista de verificação, que tem por base, a *Escala de Comportamento Escolar* (Correia, 1983) e uma lista de verificação do Centro Nacional Americano para as Dificuldades de Aprendizagem (1997), onde está agrupado um conjunto de sinais que podem ser indicadores de DA.

Quadro 1 - Lista de verificação sobre a Escala de Comportamento Escolar

Conjunto de sinais que podem ser indicadores de DA			
<i>O indivíduo tem problemas em:</i>			
Organização			
* Conhecer as horas, os dias da semana, os meses e o ano	* Desenhar	* Contar histórias	* Reter matérias novas
* Gerir o tempo	* Escrever	* Discriminar sons	* Aprender o alfabeto
* Completar tarefas	* Subir e correr	* Responder a perguntas	* Transpor sequências numéricas
* Encontrar objetos pessoais	* Desportos	* Compreender conceitos	* Identificar sinais aritméticos
* Executar planos	Linguagem falada ou escrita	* Compreensão da leitura	* Soletrar
* Tomar decisões	* Aquisição da fala	* Escrever histórias e textos	(+, -, x, :, =)
* Estabelecer prioridades	* Articular	Atenção e concentração	* Identificar letras
* Sequencialização	* Aprender vocabulário novo	* Completar tarefas	* Recordar nomes
Coordenação motora	* Encontrar as palavras certas	* Agir depois de pensar	* Recordar eventos
* Manipular objetos pequenos	* Rimar palavras	* Esperar	* Estudar para os testes
* Desenvolver aptidões de independência pessoal	* Diferenciar palavras simples	* Relaxar	Comportamento social
* Cortar	* Leitura e/ou escrita (dá erros frequentes tal como reversões (b/d), inversões (m/w), transposições (ato/ota) e substituições (carro/cama)	* Manter-se atento (sonhar acordado)	* Iniciar e manter amizades
* Estar atento ao que o rodeia (muito dado a acidentes/ tropeça com frequência)	* Seguir instruções	* Distração	* Julgar situações sociais
	* Compreender ordens	Memória	* Impulsividade
		* Recordar instruções	* Tolerância à frustração
		* Recordar fatos	* Interações
		* Aprender conceitos matemáticos	* Aceitar mudanças nas rotinas diárias
			* Interpretar sinais não verbais
			* Trabalhar em cooperação
Nota: Esta lista de verificação pretende ser um guia para pais e profissionais. Não deverá ser utilizada isoladamente, mas poderá constituir uma via para que eles possam vir a considerar uma avaliação mais exaustiva. Todas as crianças exibem um ou mais destes comportamentos, de tempos a tempos, ao longo da sua infância pelo que se chama a atenção para o fato de que não se devem tirar ilações com base na aplicação desta lista por si só. Contudo, a exibição frequente de um grupo destes comportamentos pode ser considerada como um indicador para a procura de uma consulta, ou para a efetuação de observações ou avaliações posteriores.			

Fonte: (CORREIA, 1997)

Infere-se se que, quando os educadores procuram fazer uma reflexão psicopedagógica em suas práticas, no ambiente escolar, fica mais fácil analisar o porquê do seu aluno não aprender e, conseqüentemente, saber quais os fatores que levam o aluno a ter dificuldades no processo de aprendizagem. No entanto, o professor não conseguirá realizar esse trabalho sozinho. Há necessidade de que todos os envolvidos no processo ensino-

aprendizagem (equipe pedagógica – direção, supervisão, orientação) trabalharem em parceria, detectando as causas e as áreas que se encontram deficitárias e estimulá-las, selecionando atividades e tarefas que sejam realmente significativas, elaborando também programas reeducativos ou de reforço escolar, que visem à superação do aluno com dificuldades.

Além da lista de verificação acima supracitada, Correia e Martins apresentaram também no quadro que se segue, quatro listas por nível escolar (LEVINE, 1990), contendo um conjunto de primeiros sinais a serem observados no que diz respeito às DA.

Quadro 2 - Lista dos primeiros sinais de dificuldades de aprendizagem.

Que observar: alguns sinais iniciais a ter em conta				
	Pré-escola	Níveis iniciais	Níveis médios	Níveis superiores
Linguagem	Problemas de articulação. Aquisição lenta de vocabulário. Falta de interesse em ouvir histórias.	Atraso na decodificação da leitura. Dificuldades em seguir instruções. Soletração pobre	Compreensão pobre da leitura. Pouca participação verbal na classe. Problemas com palavras difíceis	Dificuldades em argumentar. Problemas na aprendizagem de línguas estrangeiras. Expressão escrita fraca. Problemas em resumir.
Memória	Problemas na aprendizagem de números, alfabeto, dias da semana, etc. Dificuldade em seguir rotinas.	Dificuldades em recordar fatos. Problemas de organização. Aquisição lenta de novas aptidões. Soletração pobre.	Dificuldade em recordar conceitos matemáticos. Dificuldade na memória imediata.	Problemas em estudar para os testes. Dificuldades na memória de longo termo
Atenção	Problemas em permanecer sentado (quieto). Atividade excessiva. Falta de persistência nas tarefas.	Impulsividade, dificuldade em planificar. Erros por desleixo. Distração.	Inconstante. Difícil autocontrole. Fraca capacidade para perceber pormenores.	Problemas de memória devido a fraca atenção. Fadiga mental.
Motricidade fina	Problemas na aquisição de comportamentos de autonomia (exemplo: apertar os botões dos sapatos). Desajeitado. Relutância para	Instabilidade na preensão do lápis. Problemas na componente grafomotora da escrita (forma das letras, pressão do traço, etc.).	Manipulação inadequada do lápis. Escrita ilegível, lenta ou inconsistente. Relutância em escrever.	Diminuição da relevância da motricidade fina.
Outras funções	Problemas na aquisição da noção de direita ou esquerda (Possível confusão visuoespacial). Problemas nas interações (aptidões sociais pobres).	Problemas com a noção de tempo ((desorganização temporal sequencial). Domínio pobre de conceitos matemáticos	Estratégias de aprendizagem fracas. Desorganização no espaço ou no tempo. Rejeição por parte dos pares.	Domínio pobre de conceitos abstratos. Problemas na planificação de tarefas. Dificuldade na realização de exames, testes.
<p>Nota: Estas listas são um guia para pais e profissionais. Não deverá ser utilizada isoladamente, mas poderá constituir uma via para que eles possam vir a considerar uma avaliação mais exhaustiva. Todas as crianças exibem um ou mais destes comportamentos, de tempos a tempos, ao longo da sua infância, pelo que se chama a atenção para o fato de que não se devem tirar ilações com base na aplicação desta lista por si só. Contudo, a exibição frequente de um grupo destes comportamentos pode ser considerada como um indicador para a procura de uma consulta, ou para a efetuação de observações ou avaliações posteriores.</p>				

Fonte: Levine (1990) apud Correia (1997).

Enfim, sendo o educador o mediador entre o conhecimento e o educando, sua função não se limita apenas à abordagem dos conteúdos curriculares: ele deve tentar assegurar aos alunos, a aquisição do saber, atuando de modo a perceber como está ocorrendo o aprendizado de seus discentes, percebendo eventuais dificuldades encontradas por eles, no processo de aprendizagem, além de está sempre interagindo, conversando com os mesmos. Desse modo, mesmo diante das dificuldades de aprendizagem, que possam interferir no processo de aquisição do conhecimento, por parte dos alunos, uma prática pedagógica interativa e dialógica pode facilitar o processo de alfabetização de crianças, de um modo geral.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 TIPO DE PESQUISA

Para o desenvolvimento deste estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica, que neste caso foi realizada com utilização de livros, artigos, periódicos de revistas, etc., é uma das fontes enriquecedoras do conhecimento, pois, através dela, tem-se a oportunidade de conhecer as várias concepções de diferentes autores. Sendo assim:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora quase em todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Portanto, a finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do tema de pesquisa. Tais vantagens revelam o compromisso da qualidade da pesquisa.

A pesquisa de campo, por sua vez, é o tipo de pesquisa, por meio da qual, o pesquisador pretende buscar as informações que lhe são necessárias para comprovação de um determinado fenômeno, diretamente com a população amostra pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONSALVES, 2001)

Sendo assim, a Pesquisa de Campo é o local onde coleta dados, vivencia situações, explora ambiente, investiga, observa os processos para maior compreensão do assunto proposto.

2.2 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA, CAMPO DA PEQUISA

Seu nome, Pedro Luiz de Camargo, foi atribuído em homenagem a uma grande morador do Projeto Rio Gelado, Município de Novo Repartimento – PA. O mesmo veio a falecer vítima de malária³ uma epidemia que assolava a região na época.

³ É uma doença infecciosa transmitida por mosquitos e causada por protozoários parasitários do gênero Plasmodium. Os sintomas mais comuns são febre, fadiga, vômitos e dores de cabeça. Em casos graves pode causar icterícia, convulsões, coma ou morte.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mal%C3%A1ria>.

O senhor Pedro Luiz de Camargo lutou incansavelmente pela criação do Projeto Rio Gelado, que hoje faz parte da Vila Vitória da Conquista, um dos distrito de Novo Repartimento, no Estado do Pará. Então, devido sua coragem e luta juntamente com os demais moradores da comunidade, ganharam a tão sonhada Escola que é um sonho de qualquer comunidade, a qual recebeu seu nome em homenagem “Pedro Luiz de Camargo”.

Esta escola foi fundada em 1º de maio de 1994, na administração do Exmº. Sr. Prefeito Municipal de Novo Repartimento José Lima da Silva. O governador do Estado do Pará na época era Jader Fontinelle Barbalho e o presidente da Republica era Itamar Franco.

Inicialmente, funcionava com 01 (uma) sala, onde atuava 02 (duas) turmas das séries iniciais multissériada (manhã e tarde). Trabalhava com numero aproximadamente 80 (oitenta) alunos e 01 (um) servidor – docente. Na escola não tinha nenhum aparelho eletrônico.

Hoje, a escola está atuando com um número aproximado de 910 alunos do Ensino Fundamental, do primeiro ao nono ano. Conta, ainda, com 55 (cinquenta e cinco) servidores, 17 (dezessete) salas de aulas que funcionam nos três períodos (manhã, tarde e noite), 01 (uma) secretaria, onde temos 01 (uma) secretária autorizada com 02 (dois) meses de atuação, 01 (uma) auxiliar de secretária, 01 (uma) sala da direção que fica anexo com a assistente pedagógica e secretaria onde trabalham juntas. Tem também 01 (um) diretor, 01 (uma) vice-diretora 02 (duas) assistente e 01 (uma) secretaria que revezam entre-se nos três períodos. No momento, são 23 (vinte e três) professores atuantes, 02 (duas) copa com 16 servidoras e pátio, 08 vigilantes que trabalham intercaladamente.

As servidoras da copa têm um nível considerado ótimo para o serviço, algumas têm o ensino médio completo e outras estão concluindo o ensino fundamental, o que ajuda no desempenho de suas funções, quando há necessidade de lhe interagir diretamente com os alunos. A secretária autorizada desempenha um papel fundamental nessa escola, sua formação é o ensino médio em magistério, mas está cursando letras pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Na área docente, 06 (seis) possuem nível superior, 17 (dezessete) estão cursando uma faculdade.

De acordo com a atual gestão, a escola possui um Conselho Escolar que é o órgão máximo para a tomada de decisões realizadas na escola. Este é formado pela representação de todos os segmentos que compõem a comunidade escolar, como: alunos, professores, pais ou responsáveis, funcionários, pedagogos, diretores e comunidade externa. Quando há necessidade de resolver algum problema que ultrapassa a autoridade do gestor, o mesmo convoca o conselho escolar para relatar todos os fatos. Os conselheiros votam e a decisão é acatada, agradando ou não a gestão. Entretanto, não é só quando há problemas que o conselho

é reunido, pois, quando há necessidade de programação dos eventos desenvolvidos pela escola, a gestão convoca uma reunião, principalmente com os pais dos alunos, para que se chegue à decisão de como proceder diante dos eventos realizados pela mesma.

A escola “Pedro Luiz de Camargo” está localizada na Rua 13 de maio, esquina com 1º de maio, no Distrito de Vitória da Conquista, Município de Novo Repartimento, Estado do Pará. A gestora da referida escola também afirmou em uma conversa informa que o Distrito de Vitória da Conquista foi fundado em 02 de setembro de 2002. Surgiu a partir da invasão em torno do lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí⁴, após acontecer um grande alagamento que afetou o Velho Repartimento e povoados vizinhos. Com isso, veio uma praga de mosquito, que segundo pesquisas feitas pelo Instituto Emílio Guedes de Belém, afirmou que era possível uma pessoa ser picada aproximadamente até 300 (trezentas) vezes por hora, por causa disso, ficou provado que não tinha condições das pessoas continuarem habitando aquele lugar.

A Instituição realiza quatro eventos reconhecidos pela comunidade do Distrito de Vitória da Conquista: festas juninas, dias das mães, dia dos pais e Expoart Cultura, onde os mesmos são abertos ao público local e de regiões vizinhas e mais alguns outros eventos.

2.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos do referido estudo são duas professoras do 1º ano, sendo uma do turno da manhã e a outra do turno da tarde, que serão identificadas nesse estudo como professora A e professora B, bem como, uma orientadora escolar da instituição, que será representada pela letra C.

A escolha por professores dessa série se deu pelo fato de ser o período de alfabetização das crianças e, é neste período que as dificuldades de aprendizagem se manifestam com maior frequência, no processo de ensino aprendizagem. A professora A tem 39 anos de idade e doze anos de magistério. Conseguiu concluir o seu curso de Pedagogia em 2011, porém, está lecionando desde 2005, pois atuava apenas com o magistério. A professora B tem 46 anos de idade e dezesseis anos de magistério, sendo que a mesma começou a lecionar com seu nível superior (pedagogia) somente a partir de 2007.

⁴ É uma central hidroelétrica no Rio Tocantins, no município de Tucuruí (a cerca de 300 km ao sul de Belém), no estado do Pará, com uma capacidade geradora instalada de 8.370 MW. Por isso, é a maior usina hidroelétrica brasileira, pois, a usina de Itaipu tem potência instalada maior, 14.000 MW, mas é dividida entre o Brasil e o Paraguai. Sendo assim, o vertedouro da Usina Hidrelétrica de Tucuruí é o segundo maior do mundo, com capacidade para 110.000 m³/s.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Usina_Hidre%C3%A9trica_de_Tucuru%C3%AD

Optou-se por entrevistar a orientadora da escola-campo, porque é ela quem recebe os alunos que apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, e que são encaminhados a sala de orientação pelos professores. A orientadora, por sua vez, entre em contato com a família do aluno para poder investigar o que está acontecendo e, sempre que houver necessidade, são marcadas consultas para os mesmos, com a psicóloga da Secretária Municipal de Educação do município de Novo Repartimento/PA. A orientadora é formada em Pedagogia desde 2010 e efetiva do município como professora do Ensino Fundamental I, porém, começou a atuar como orientadora da escola-campo no começo do ano letivo de 2017.

2.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para coleta de dados foi uma entrevista (em anexo) semiestruturada constituída de cinco perguntas abertas e através da observação. Optou-se pela entrevista semiestruturada porque, é por meio da qual, que o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal, proposto pelo pesquisador, além de permitir que o entrevistado responda de forma livre e espontânea as perguntas a ele direcionadas. Desse modo, as questões elaboradas por esse tipo de entrevista levam em conta o embasamento teórico da investigação e as informações que o pesquisador recolheu sobre a temática abordada (TRIVIÑOS, 1987).

A entrevista Segundo Marconi e Lakatos (2011), a entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta dos dados, pois ocorre uma conversa oral entre duas pessoas, o entrevistador e o entrevistado, e que tem como objetivo, buscar informações importantes e compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas. Sendo assim, realizou-se a entrevista com os sujeitos da pesquisa no dia 08/09/2017.

Quanto ao conceito do instrumento observação, Marconi e Lakatos (2011, p. 275) definem essa prática da seguinte forma:

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações utilizando os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

Sendo assim, foram utilizados nesse estudo os seguintes tipos de observação: Observação Sistemática, Observação não Participante, Observação Individual e Observação na Vida Real. Marconi e Lakatos (2011, p. 276-278) definem os tipos de observação da seguinte maneira:

Observação Sistemática: é estruturada, planejada e controlada, utiliza-se instrumentos para a coleta de dados e realiza-se em condições controladas, não devem ser rígidas ou padronizadas, pois, objetos e objetivos podem ser diferentes;

Observação não Participante: o pesquisador entra em contato com a realidade estudada, mas não se integra a ela. Apenas participa do fato agindo como um mero espectador;

Observação individual: é realizada como o próprio nome diz por apenas um pesquisador, projetando-se sobre o observado, fazendo algumas deduções ou distorções. Pode também intensificar a objetividade de suas informações, anotando os eventos reais;

Observação na vida real: os dados são registrados à medida que ocorrem num ambiente real, sem a obrigação de preparação.

3 – CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão apresentados os dados e, logo em seguida, as análises e discussões dos resultados acerca da percepção dos sujeitos que foram observados e entrevistados. Sendo assim, as informações que foram coletadas serão analisadas de forma quantitativa, obedecendo todos os requisitos que esse procedimento exige, que é de analisar as respostas, comentá-las e embasá-las com o referencial teórico

3.1 OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

A professora (conforme anexo 1) inicia seus trabalhos motivando seus alunos a aprenderem, tentando levá-los ao desenvolvimento através de diálogos e reforçando no que eles não aprenderam nas aulas anteriores. A interação com os colegas é formada por pequenos grupos.

Observou-se que há intrigas entre alunos, e que as professoras não têm conseguido controlar a indisciplina desses alunos dentro da sala de aula. Notou-se também que a maioria dos alunos não respeita professores, colegas e a equipe gestora, o que contribuem diretamente com a dificuldade de aprendizagem.

Nota-se que a professora necessita de um auxílio, principalmente quando se refere à indisciplina de alunos, e que compete à equipe gestora investigar o caso e tomar as providências cabíveis o mais rápido possível, de modo a estabelecer uma interação com a família desses alunos, a fim de que elas possam cumprir o seu dever de família, que ensiná-los desde pequeno, valores como o respeito ao próximo, o cultivo da amizade, a obediência, etc.

Quando se fala do comportamento dos alunos diante das atividades, a atenção é bastante dispersa, a participação nas aulas é pouca, como também, muitos começam, mas não terminam as tarefas propostas. São poucos alunos que seguem a orientação do professor e executam as tarefas, os demais ficam esperando pelas correções do professor.

Isso acontece porque as professoras utilizam práticas pedagógicas tradicionais, utilizando apenas a lousa e o livro didático para ensinar a crianças ler e escrever. Sendo assim, é necessário que essas professoras busquem outras estratégias que despertam o interesse do aluno diante de atividades que o ajude a desenvolver o seu raciocínio e a criatividade. Sendo assim, é preciso que as professoras em análise repensem suas práticas pedagógicas, de modo que elas possam:

rever objetivos, conteúdos, formas de encaminhamento das atividades, expectativas de aprendizagem e maneiras de avaliar;
refletir sobre a prática pedagógica, tendo em vista uma coerência com os objetivos propostos; preparar um planejamento que possa de fato orientar o trabalho em sala de aula;
discutir com a equipe de trabalho as razões que levam os alunos a terem maior ou menor participação nas atividades escolares;
identificar, produzir ou solicitar novos materiais que possibilitem contextos mais significativos de aprendizagem;
subsidiar as discussões de temas educacionais com os pais e responsáveis (BRASIL, 1997, p. 10).

Nas atividades, foram utilizados alguns materiais de apoio como: livros didáticos, cadernos, lápis de cor, etc. Alguns alunos fazem as atividades de qualquer jeito e muitas vezes desorganizadas, outros começam a fazer, mas logo se levantam dos seus lugares abandonando a tarefa. Nas atividades de cobrir, por exemplo, o desenho deles não mostra traçados definidos e quando estão pintando, procuram fazer tudo com uma única cor.

O grafismo de alguns alunos é fraco, com dificuldades perceptivas e motoras. Os mesmos não unem bem as letras e os traços são desordenados. Há também dificuldades de se relacionar com o grupo. Com relação aos conteúdos, os mesmos não conseguem reconhecer as letras do alfabeto, só consegue copiar. Em cálculos, só consegue contar 05 e não é capaz de resolver operações mentais.

Durante as observações em sala de aula, percebeu-se também que nenhuma atividade foi utilizada que ajudasse esses alunos a superar suas dificuldades. Ou seja, foram realizadas apenas as atividades encontradas no livro didático e que muitas vezes, não condiz com a realidade do aluno. Sendo assim, infere-se que a metodologia utilizada pelas professoras da escola, campo da pesquisa, não tem contribuído para sanar as dificuldades apresentadas pelos seus alunos.

Com isso, a diversificação se faz necessária porque as crianças têm necessidades diferentes. Em uma mesma turma, por exemplo, pode ter uma criança que ainda não percebeu que para escrever é preciso usar letras e que não as conhece, enquanto que outra criança tem facilidade de compreender o funcionamento do sistema de escrita, por isso, consegue ler e escrever com autonomia. Nesse caso, há graus bastante variados de conhecimento. Desse modo, mesmo sabendo que há atividades que são comuns, mas promovem aprendizagens distintas, é preciso pensar que algumas atividades específicas para atender às necessidades particulares das crianças podem favorecer muito a apropriação dos conhecimentos (BRASIL, 2017)

3.2 ANÁLISES DOS DADOS DA ENTREVISTA REALIZADA COM AS DUAS PROFESSORAS

Quando indagadas sobre qual o maior desafio do professor alfabetizador no processo ensino aprendizagem (primeira questão), as professoras responderam:

“É, sem sombra de dúvida, ensinar o aluno ler e escrever” – disse a professora A.

“É ofertar condições ao educando, de modo que o mesmo aprenda, não apenas reconhecer palavras, e sim, que seja capaz de fazer uso da leitura e da escrita em diferentes contextos” – respondeu a professora B.

Os PCNs de língua portuguesa explicitam que, para vencer esse desafio, é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura, entre elas, o fato de entender a leitura como simples ato de decodificar palavras, convertendo letras em sons, sendo que esse resultado é apenas consequência natural dessa ação..

Sabe-se que são muitos os desafios que permeiam o cotidiano escolar do professor alfabetizador, pois, muitas vezes, ele se depara com obstáculos que limitam seu trabalho e, conseqüentemente, acaba contribuindo diretamente com retardação do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Por isso que alfabetizar crianças não é tarefa fácil, pois, tal atividade exige que o profissional da educação tenha compromisso e competência para desenvolver uma prática pedagógica eficiente e significativa.

Isso significa que, para vencer esses desafios, faz-se necessário que todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, assumam o compromisso pela alfabetização das crianças visando à construção de uma educação efetivamente democrática e socialmente justa (BRASIL, 2017).

Ao serem indagadas sobre o que é considerada dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita (segunda questão), as professoras responderam:

“É quando o aluno não consegue aprender como os demais coleguinhas, ou seja, ele não consegue acompanhar a turma” – respondeu a professora A.

“É o professor explicar o conteúdo diversas vezes e o aluno não conseguir entender, isto é, ele não consegue acompanhar as aulas, muito menos, cumprir com os objetivos propostos” – disse a professora B.

Para Correia e Martins (1997), dificuldades de aprendizagem é uma incapacidade ou impedimento específico para a aprendizagem numa ou mais áreas acadêmicas, podendo ainda envolver a área socioemocional.

Observa-se por meio dos expostos acima que a dificuldade de aprendizagem está relacionada diretamente com a falta da construção do conhecimento. Entretanto, o mais importante é saber que, diante de um aluno que apresente dificuldade para aprender, a melhor atitude que o professor possa ter é diversificar as formas de ensinar, estando atento ao perfil de aprendizagem de cada um de seus alunos.

Quando indagadas (terceira questão) sobre quais as principais dificuldades evidenciadas em seus alunos no processo de construção do conhecimento da leitura e escrita, elas responderam:

“Fica evidente quando alguns alunos, de forma insistente, trocam uma letra por outra, outros não conseguem ler, porque escrevem as palavras umas emendadas nas outras, etc.” – afirmou a professora A.

“É perceptível quando alguns alunos modificam a seqüências das letras ou das sílabas em uma determinada palavra, além de suprimir uma ou mais letras ao ler ou escrever certas palavras” – ratificou a professora B.

Segundo Bossa (2017), a Dislexia (dificuldade para compreender a leitura) está relacionada com problemas de percepção, memória e análise visual, enquanto que a Disgrafia são desordem que afetam as aptidões da escrita e que são evidenciadas por meio das dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança em compreender as regras ortográficas e em compor textos escritos.

Por meio dos argumentos apresentados acima, constata-se que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita são diversas, por isso, é necessário que o professor esteja sempre observando essas situações e, conseqüentemente, buscando novos métodos de ensino, capazes de tornar o processo ensino-aprendizagem mais atraente e significativo, com o intuito de sanar ou ao mesmo minimizar essas dificuldades.

Ao serem questionadas sobre quais as ações que proporcionam ao seu aluno (quarta questão), visando à superação das dificuldades encontradas na leitura e escrita, elas responderam:

“Procuro sempre trabalhar com atividades diversificadas, principalmente, as que contribuem para aquisição de habilidades relacionadas à leitura e escrita, como as atividades envolvendo o lúdico, a música, poesia, associação de imagens, podem nos auxiliar bastante em alcançar nosso objetivo.” – disse a professora A.

“Faço uso de aulas diferenciadas que potencializam o aprendizado do meu aluno, dentre os quais posso destacar: aulas dinâmicas e interativas, jogos, músicas, filmes, etc.” – afirmou a professora B.

Sendo assim, o professor alfabetizador precisa ganhar autonomia no uso competente de estratégias e recursos didáticos que lhe permitam efetivamente alfabetizar, independentemente dos livros e dos materiais escolhidos pela rede ou instituição (BRASIL, 2017).

Azevedo (2014), por sua vez, afirma que professores atentos, sensíveis, amorosos, estudiosos, éticos, que amam ensinar e aprender, têm condições de perceber comportamentos e sinais indicativos de problemas de aprendizagem e resolvê-los.

Nota-se que é fundamental para o professor, além de amar o que faz, está sempre estudando, pesquisando, bem como, utilizando em suas ações todo e qual recurso que facilita o aprendizado do seu aluno. É fato que a criança aprende brincando, por isso, a utilização de jogos, brincadeiras, atividades grupais, entre outras são imprescindíveis no processo ensino-aprendizagem.

No entanto, não foi o que se viu durante observação das práticas docentes. O que se notou foi que, tanto a professora A quanto a professora B, utilizam práticas pedagógicas tradicionais, utilizando constantemente a lousa para copiar o conteúdo a ser ensinado, que poderia ser passado de diversas maneiras, como por exemplos, através da letra de uma música impressa e distribuída em grupos, por meio da construção de cartazes, etc.

Ao serem indagadas sobre o papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem (quinta questão), as professoras responderam:

“Cabe a escola, juntamente com os seus professores, inserir em sua proposta pedagógica, métodos inovadores e eficazes que promovam a aprendizagem de seus alunos, executando-os dentro da realidade de seus alunos” - respondeu a professora A.

“A escola deve estar atenta ao desempenho escolar de seu alunado, afim de que, quando se deparar com caso de alunos que estejam com o seu rendimento abaixo do esperado, mobilizar todos os envolvidos com o processo ensino-aprendizagem, com o intuito de investigar o que está acontecendo para, logo em seguida, solucionar o quanto antes, essas dificuldades apresentadas por esses alunos” – afirmou a professora B.

Nota-se que precisa desempenhar suas funções não apenas transmitindo conteúdos e conhecimentos, como também, evitando que o aluno seja apenas um receptor, e sim, o criador do seu conhecimento, de modo a levá-lo a buscar informações para o seu desenvolvimento educacional, cultural e pessoal. Para tanto, a escola precisa estreitar os laços com a família desses alunos, a fim de que esses resultados possam ser alcançados.

Correia e Martins (1997) afirmam que a escola, em parceria com os pais, deve estar atenta a um conjunto de sinais que a criança exhibe, contínua e frequentemente, uma vez que não existem indicadores isolados para a identificação das dificuldades de aprendizagem.

Inferese que é de suma importância a escola saber organizar e executar a sua metodologia da melhor forma possível, a fim de facilitar a transmissão do conhecimento, bem como, oportunizar ao seu aluno, que o mesmo possa construir o seu próprio conhecimento. Quando o aluno não consegue aprender dentro do tempo esperado, é muito fácil dizer que o problema está no aluno que possui isso, aquilo, etc. No entanto, muitas dessas dificuldades de aprendizagem (leitura, escrita, etc.) são decorrentes da metodologia inadequada ou mal executadas.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS DA ENTREVISTA REALIZADA COM A ORIENTADORA ESCOLAR

Quando indagada sobre qual o maior desafio do professor alfabetizador no processo ensino aprendizagem (primeira questão), a orientadora escolar respondeu:

“É estar preparado não só para alfabetizar os seus alunos, promovendo a aquisição da leitura e da escrita, bem como, ter competência para saber distinguir as causas de uma situação de não aprendizagem de algum aluno e, por conseguinte, analisar essa dificuldade com o intuito de saber os porquês de como isto está ocorrendo e o tempo que isto ocorre” – respondeu a orientadora C.

Nota-se que, ser professor alfabetizador não é tarefa fácil. Além de estar apto para a função, deve estar constantemente instigando o interesse do aluno, proporcionando-lhe condições que o ajude a consolidar as ideias que já possui e a construir novos saberes e, quando isso não estiver ocorrendo, procurar saber o quanto antes, as possíveis causas, objetivando solucionar ou minimizar os problemas encontrados.

Quando indagada sobre o que é considerada dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita (segunda questão), a supervisora respondeu:

“É quando o aluno não consegue alcançar os objetivos propostos, após o professor ter usado vários métodos, várias alternativas pra repassar o conhecimento” - respondeu a orientadora C.

Nota-se que, quando o aluno se depara diante de qualquer obstáculo, relacionado a qualquer área do conhecimento e não conseguindo superá-lo, é porque ele possui dificuldades de aprendizagens. Então, a escola, como um todo, precisa desenvolver um trabalho em

conjunto com todos os envolvidos com o processo ensino-aprendizagem, objetivando solucionar ou ao menos minimizar tais dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos seus alunos.

Quando indagada (terceira questão) sobre quais as principais dificuldades evidenciadas pelos alunos, no processo de construção do conhecimento da leitura e escrita a supervisora respondeu:

“Trata-se da dificuldade de aprendizagem, manifestada tanto no ato de ler, quanto no ato de escrever” – respondeu a orientadora C.

Observa-se por meio da resposta acima que as principais dificuldades encontradas no processo de alfabetização de crianças estão relacionadas ao ato de aquisição da leitura e da escrita. Nesse sentido, a escola, com todo o seu corpo docente, precisa desenvolver um trabalho com o objetivo do letramento, isto é, capacitar ao aluno para a leitura e a escrita em todos os aspectos.

Quando questionada sobre quais as ações que proporcionam ao seu aluno (quarta questão), visando à superação das dificuldades encontradas na leitura e escrita, ela respondeu:

“Sempre recomendo que o professor utilize em suas práticas pedagógicas toda e qualquer metodologia que contribui com o aprendizado do educando. Que façam uso de jogos, brincadeiras, filmes, musicas, etc.” – respondeu a orientadora C.

Nota-se que os professores são orientados a usarem métodos que facilitam o aprendizado do aluno. Desse modo, quando o professor tem a preocupação de inserir em sua prática pedagógicas atividades que despertam o interesse do aluno, a possibilidade de vencer as dificuldades de aprendizagem de seus alunos é muito maior.

Quando indagada sobre o papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem (quinta questão), a supervisora respondeu:

Primeiro, é preciso que a escola conheça os seus alunos, bem com, suas dificuldades, para depois, elaborar estratégias e dinâmicas de aulas que possam possibilitar para esses alunos a aquisição do conhecimento sobre o assunto dado, de forma simplificada e significativa – Respondeu a orientadora C.

Nota-se que a escola precisa conhecer o seu alunado, além de buscar formas de prevenção nas propostas de trabalho, preparar os professores para entenderem seus alunos, diferenciar um a um, respeitar o ritmo de cada um e, sobretudo, ser um ambiente onde as crianças possam sentir-se bem, amadas e sempre estimuladas a buscar o conhecimento, a fim de melhorar seus desempenhos, tanto no ato de aprender a ler quanto de escrever.

Entretanto, é preciso que diretores e coordenadores pedagógicos que sejam capazes de apoiar os professores e organizar um ambiente motivador à leitura e escrita na escola, compreendendo que alfabetizar com qualidade é um compromisso de uma gestão democrática e uma atitude de respeito à equidade, à inclusão e à igualdade de oportunidades (BRASIL, 2017).

Entende-se que, a forma pela qual escola se organiza em relação a sua metodologia, bem como, nas diversas maneiras que ela age para resolver os problemas que envolvem os alunos, devem acontecer de forma adequada, de modo que todos os que estão envolvidos com o processo educacional, possam estar mobilizados e empenhados para solucionar as dificuldades de aprendizagem que atingem alguns alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, tanto no referencial teórico quanto na pesquisa de campo, pode-se afirmar que as dificuldades de aprendizagem é um fato que acontece com frequência no contexto escolar, afligindo muitos alunos e prejudicando-os no seu desenvolvimento intelectual e cognitivo.

Os estudos revelaram que as dificuldades de aprendizagem podem ocorrer em conjunto ou individualmente, como também, em níveis diferentes, podendo também ser ocasionadas por um ou vários fatores, que podem envolver, desde problemas neurológicos, como emocional, familiar, socioeconômico, cultural, entre outros.

Constatou-se também que as dificuldades de aprendizagem são manifestadas no ambiente escolar de diversas formas, dentre as quais, por meio da *Dislexia*, da *Disgrafia* e do *Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*. Nesse sentido, identificar o problema o mais rápido possível é uma forma de prevenir o aluno de conviver para sempre com essas dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, contribuir para que o mesmo possa ter um bom desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Além dos fatores citados acima, que são considerados responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem do aluno, ficou evidente também que, tais dificuldades podem ser frutos da proposta pedagógica da escola, bem como, da metodologia usada pelo professor em sala de aula, pois, sabe-se que no contexto educacional, infelizmente, existem muitos profissionais despreparados, salas de aulas lotadas e práticas pedagógicas tradicionais.

Portanto, quando um aluno não está progredindo de acordo com os objetivos curriculares do ano que frequenta, a equipe gestora, professor e a família jamais podem “cruzar os braços” ou ficar alheio a esse problema. Com isso, quanto mais precocemente essas dificuldades forem identificadas, aliada a uma intervenção adequada, poderá prevenir ou reduzir o insucesso escolar e social do aluno.

Enfim, embasado no referencial teórico, bem como, através da análise dos dados coletados, este estudo traz as seguintes sugestões, não só para escola-campo, como também para todos os estabelecimentos educacionais, para solucionar ou ao menos minimizar as dificuldades de aprendizagem pelas quais seus alunos passando. São elas:

É preciso que a escola, por meio da coordenação pedagógica, ajude o professor a desenvolver atividades diferenciadas ou a montar grupos de trabalho em sala de aula, para que os estudantes trabalhem em conjunto e aprendam com os colegas.

A escola também precisa desenvolver projetos, com a finalidade de despertar a curiosidade de seus alunos por algum tema que faz parte de sua realidade. Isso pode ser feito através de pesquisa e, em um segundo momento, elaborar, com a ajuda de todos os alunos, um produto com tais pesquisas, como painel, exposição, etc., finalizando as ações com músicas ou por meio de uma dramatização.

O professor, por sua vez, precisa diversificar as suas práticas pedagógicas, isto é, apresentar o mesmo conteúdo de formas diferentes, de modo que os alunos com dificuldade possam compreender melhor o conteúdo.

Faz-se necessário também que o professor utilize mais vezes, jogos educativos em sua metodologia de ensino, pois, sabe-se que as atividades lúdicas podem desenvolver a criatividade e favorecer que o aluno estabeleça vínculos positivos com o ambiente e os conteúdos escolares.

Ressalta ainda que a escola amplie o tempo de atendimento aos alunos com dificuldades de aprendizagem na assistência pedagógica, visto que, o professor não pode dedicar todo seu tempo apenas a esses alunos.

Sugiro ainda à escola, campo da pesquisa, que oriente seus professores a utilizarem práticas pedagógicas diferenciadas que atendam às necessidades dos alunos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem.

A sugestão desse estudo para trabalhos futuros é que os mesmos possam fazer uma investigação com maior profundidade sobre os principais fatores que levam os alunos a terem dificuldades quanto à aquisição da leitura e da escrita, ouvindo, pais desses alunos, professores, gestores, profissionais da saúde como psicólogos, neurologistas, dentre outros.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, S. M. D. Dificuldade de aprendizagem requer avaliação especializada. **Portal Brasil**, 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/dificuldade-de-aprendizagem-requer-avaliacao-especializada>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BOSSA, N. Palestra: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO - FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO E TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA. **Dra. Nadia Bossa**, 2017. Disponível em: <http://www.nadiabossa.com.br/pdf/palestras/Palestra%20-%20Aprofem%20-%202016-09-15_V01-site.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. **Portal do MEC**, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica/PRO Letramento. **Portal do MEC**, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6002-fasciculo-port&category_slug=julho-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Portal do MEC**, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Portal do MEC**, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

BRASIL. PNAIC - Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Documento Orientador. **Potal Mec**, Brasília, 2017. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador/doc_orientador_versao_final.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2018.

CORREIA, L. D. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem. Que são? Como entendê-las**. Porto: Porto editora, 1997.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. ed. São Paulo: Autores Associados, 2001.

FREIRE, P. **Conversando com educadores**. Montevideu: Roca Viva, 1990.

GIL, A. C. **A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOREIRA, A. F. B. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**/[Antônio Flávio Barbosa Moreira , Vera Maria Candau]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE

Entrevista realizada com as professoras e com a orientadora

1. Qual o maior desafio do professor alfabetizador no processo ensino aprendizagem

2. O que é considerada dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita?

3. Quais as principais dificuldades evidenciadas em seus alunos no processo de construção do conhecimento da leitura e escrita?

4. Quais as ações que proporcionam ao seu aluno, visando à superação das dificuldades encontradas na leitura e escrita?

5. O papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem?

ANEXOS

Anexo 1 - Observação da prática docente.



Anexo 2 – Dicas

